

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: PIX Gual 37

Data: 04.01.77 Pg.: _____

Tribos exigem mais assistência da Funai



Índios mato-grossenses querem mais autonomia

Do correspondente em CUIABÁ

Um profundo respeito pela autonomia de cada grupo e uma melhor assistência, por parte da Funai, nas áreas de saúde, ensino e econômica foram — segundo informou ontem o secretário-geral do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), padre Antônio Iasi Júnior — as principais reivindicações discutidas pela assembléia de chefes de oito nações indígenas de Mato Grosso, realizada na semana passada na aldeia nhambiquara de Tira-Catinga.

Para o religioso, essa assembléia — a sexta que reúne chefes indígenas no Brasil — obteve "pleno êxito", na medida em que mostrou aos índios a possibilidade de caminhar a passos largos no processo de conscientização grupal. Segundo o padre Iasi, além de pormenorizadas discussões em torno de seus valores culturais, os 80 representantes das nações indígenas de Mato Grosso definiram também as condições

que devem ser seguidas por quem pretende trabalhar com eles: respeito pela autodeterminação de cada grupo e não querer ditar o que cada grupo deve fazer

Isso significa que os indigenistas devem respeitar os costumes indígenas e não queimar seus enfeites como fez um missionário americano — disse um dos participantes daquela reunião, segundo o relato do secretário-geral do Cimi. Além da Funai — contou o padre Iasi — também as missões religiosas foram objeto das "mais severas críticas". "É motivo de alegria — acrescentou — saber que os índios estão tomando consciência de seus problemas e que ressurgem a autêntica personalidade do índio livre e corajoso."

Depois de lembrar que, há algum tempo, o próprio presidente da Fundação Nacional do Índio, general Ismarth de Araújo Oliveira, reconheceu que os índios vêm assumindo "a consciência de um povo" graças às assembléias de chefes promovidas pelo Cimi (apenas uma delas foi promovida pe-

los irmãos Villas Boas no Parque do Xingu), o padre Antônio Iasi declarou: "Essa consciência é a consciência de um povo oprimido e enganado pelos fazendeiros, pelas missões e, por fim, mas não em último lugar, pela Funai, ou melhor, pelos que, nos últimos tempos, sequestraram o comando do órgão indigenista".

TERRAS

Ainda segundo o relato do padre Iasi, o tema mais longamente discutido na assembléia foi o da posse da terra. Os chefes indígenas manifestaram, por exemplo, insatisfação diante da falta de garantias que ainda sentem em relação às reservas da Funai. Para o missionário, o termo "reserva" é impróprio pois se trata de terras indígenas, "garantidas por uma ocupação de séculos e assegurada, juridicamente, pelo Estatuto do Índio".

A ameaça de serem transferidos para outras áreas, como aconteceu, recentemente, com os Krenhakárore, foi também motivo de preocupações dos chefes in-

dígenas, segundo o padre Iasi, que tentando reproduzir a maneira de falar dos índios citou a intervenção de Txueri, um tapirapé: "Ele, Wander Broocke (diretor do Departamento Geral de Operações, da Funai) quer mandar a gente para ilha do Bananal. Índio não é bicho que vai levar para outro lugar. Funai pode pegar reserva onde ela quiser. Mas levar o índio não pode ser. Tem que ser onde o índio quer".

Durante a assembléia, cada representante dos grupos nhambiquara, munkee, canoeiros de Mato Grosso, pareci, xavante, tapirapé, bororo e irantxe se expressava em seu idioma tribal e, ao final, a intervenção era traduzida em português por um intérprete. Wamuhe, chefe xavante, assim falou sobre o problema da terra, segundo o padre Iasi: "Vocês não ficar na moleza não. Fazendeiro entrar? Manda pra trás". Ao que Teroxaa, outro xavante, teria completado: "Eu não querer brigar. Quando branco atacar primeiro, nós guerra para civilizado".